

Expressões idiomáticas metafóricas: ALIMENTO como domínio-fonte para PROBLEMA em discursos sobre economia e política

Adriano Dias de Andrade¹

Vinícius Nicéas do Nascimento²



Amarildo. Convidado por Dilma para ser Ministro da Fazenda. Disponível em: <<https://amarildocharge.wordpress.com/page/40/?app-download=windowsphone>>. Acesso em: 03 set. 2015.

Resumo: Este trabalho investiga a realização de expressões idiomáticas metafóricas, cujos mapeamentos envolvem o agenciamento do domínio-fonte ALIMENTO para a compreensão do domínio-alvo PROBLEMA. O objetivo desta pesquisa é verificar as regularidades discursivas e cognitivas dessas instanciações, bem como analisar os usos argumentativos das expressões. Para tanto, foram analisadas as expressões idiomáticas metafóricas: *descascar abacaxis*, *enfiar o pé na jaca*, *pisar no tomate*, *resolver pepinos* e *ter a batata quente/assando* em gêneros jornalísticos sobre política e economia, nos sites das revistas semanais *Veja* e *Carta Capital*. Os achados sugerem que essas expressões formam duas categorias de

¹ Doutorando em Letras (Linguística) pela UFPE; revisor de textos da Editora UFPE; professor de língua portuguesa do UNIFAVIP - DeVry Brasil.

² Professor de Língua Portuguesa - Faculdade de Tecnologia e Ciências de Pernambuco | FATEC; Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras – UFPE.

conceptualização, o que confere usos argumentativos diferentes no discurso jornalístico sobre política e economia.

Palavras-chave: Expressões idiomáticas metafóricas. Domínio-fonte ALIMENTO. Política. Economia.

Abstract: This paper investigates the realization of metaphorical idioms, whose mappings involve the source domain FOOD for understanding the target domain PROBLEM. The purpose of this research is to verify the discursive and cognitive regularities of these instantiations. Five metaphorical idioms were analyzed: *descascar abacaxis* (peeling pineapples = to solve a difficult situation), *enfiar o pé na jaca* (stick your foot in jackfruit = get smashed), *pisar no tomate* (step on tomatoes = to make a mistake), *resolver pepinos* (solve cucumbers = to solve a problem) e *ter a batata quente/assando*, (to have the hot potato / to be at risk) in journalistic genres about politics and economics. The findings suggest that these expressions form two conceptual categories.

Keywords: Metaphorical idioms. Source domain FOOD. Politics. Economics.

Resumen: Este trabajo investiga la realización de expresiones idiomáticas metafóricas, cuyos usos envuelven el agenciamento del dominio fuente ALIMENTO para la comprensión del dominio meta PROBLEMA. El objetivo de esta pesquisa es verificar las regularidades discursivas y cognitivas de esos usos. Para tanto, fueron analizadas cinco expresiones idiomáticas metafóricas: *descascarar piñas*, *poner el pie en la jaca*, *pisar en el tomate*, *resolver pepinos* e *tener la patata caliente/asando* en géneros periodísticos acerca de política i economía, en los sitios de los periódicos semanales *Veja* y *Carta Capital*. Los usos sugieren que esas expresiones forman dos categorías conceptuales. Ese aspecto apunta para, al menos, dos usos argumentativos distintos en el discurso periodístico sobre política i economía.

Palabras-clave: Expresiones idiomáticas metafóricas. Dominio fuente ALIMENTO. Política. Economía.

Considerações iniciais

Na charge-epígrafe acima, o chargista Amarildo retrata os problemas que o Ministro da Fazenda Joaquim Levy assume, para resolver, juntamente com o cargo: *batatas*, *abacaxis* e *pepinos*. A conceptualização de problemas entendidos como alimentos cumpre duas funções básicas na charge: evidenciar a projeção metafórica entre o domínio-fonte ALIMENTO para compreender o domínio-alvo PROBLEMA e estabelecer o humor e a crítica social, que são aspectos

específicos desse gênero textual, ao relacionar o domínio-fonte com o Ministério assumido por Levy, materializado verbalmente na afirmação “Agora eu já sei por que o nome é Ministério da Fazenda”. Compreender o mundo a partir de mapeamentos metafóricos é uma estratégia recorrente na conceptualização do mundo.

Ao emergirem no discurso, as metáforas instigam-nos a buscar as conceptualizações que as possibilitaram, bem como as implicações argumentativas e discursivas de sua produção e, nesse direcionamento, o objetivo principal desta investigação é analisar o agenciamento de ALIMENTO como domínio-fonte para a conceptualização do domínio-alvo PROBLEMA em contextos de uso situados. Assim, conforme explica Vereza (2007, p. 488), “explicitar a motivação da metáfora, com pistas e analogias mais ou menos claras, parece promover a relevância pragmática necessária para criar pontes interpretativas sobre o mar da indeterminação”.

As metáforas acionam os modelos mentais (VAN DIJK, 2012), que são representações cognitivas de nossas experiências, os quais elaboramos para realizar a compreensão discursiva. Tais elaborações metafóricas são resultantes de mapeamentos, entre os domínios fonte e alvo, e a compreensão das expressões linguísticas metafóricas que são produzidas nos discursos se constrói na observação dos aspectos linguístico-discursivos da metáfora, que é uma tendência mais recente nos estudos sobre metáforas.

A percepção das relações conceptuais que estabelecemos nas práticas vividas socialmente ocorre na e pela linguagem, e a escolha que realizamos, muitas vezes inconscientemente, de uma metáfora específica e não de outra é o que constrói a realidade, de forma particular à nossa experiência (FAIRCLOUGH, 2001).

Nesse sentido, analisamos expressões idiomáticas metafóricas (doravante EIM) atualizadas discursivamente no contexto político brasileiro no tocante às ações realizadas e a serem realizadas pelo Governo. Entendemos expressões idiomáticas metafóricas como expressões metafóricas recorrentes numa dada sociedade e cultura que, ao serem cristalizadas pela recorrência cotidiana de uso, assumem o status de idiomáticas, a exemplo dos provérbios. Essas expressões se constituem como unidades de discurso formadas por dois ou mais itens lexicais cuja compreensão se dá em conjunto, de caráter metafórico e/ou metonímico, resultando num significado distinto daquele que teriam os itens lexicais isoladamente. As EIM analisadas são: *descascar abacaxis*, *enfiar o pé na jaca*, *pisar no tomate*, *resolver pepinos e ter a batata quente/assando*.

Considerando os atores sociais envolvidos no discurso, podemos observar a existência de uma dupla relação ativa e passiva nas EIM analisadas, a saber: *descascar o abacaxi*, *enfiar o pé na jaca*, *pisar no tomate*, *resolver pepino* e *ter uma batata quente* implicam a existência um ator social agente, que realiza determinada ação; já a *batata estar assando* não mostra a mesma relação, implicando um ator social paciente, alguém cujas ações estão sendo monitoradas, alguém prestes a sofrer sanções. Além disso, na categoria de EIM que estabelecem relação ativa, há uma diferença importante: *descascar o abacaxi*, *resolver o pepino* e *ter uma batata quente* parecem implicar atores sociais que não necessariamente causaram o problema. O *abacaxi*, o *pepino* e a *batata* nem sempre são resultado das ações dos indivíduos que os possuem. Por outro lado, *enfiar o pé na jaca* e *pisar no tomate* sempre se referem a um sujeito ativo e responsável pelas ações que,

nessas instanciações, são sempre nocivas. As EIM, ao conceptualizarem PROBLEMA a partir de ALIMENTO como domínio-fonte, apontam aspectos negativos da/na política, evidenciando *ações políticas que geram problemas e ações políticas para cessar problemas*. Observaremos as implicações dessas categorias e relações causais no discurso jornalístico.

Cognição, discurso e metáfora

A metáfora, durante muito tempo, foi entendida como elemento de adorno, próprio da linguagem poética, comum aos usos literários e exclusivo da linguagem. Por essa razão, ainda é imperiosa a ideia de que as pessoas podem se esquivar das metáforas. Contudo, conforme advertem Lakoff e Johnson (1980), isso não condiz com a realidade do ser humano, já que as metáforas estão presentes em todas as esferas da vida cotidiana, não apenas na linguagem, mas também no pensamento e nas ações. O sistema conceptual humano é fundamentalmente metafórico.

As metáforas são poderosos instrumentos cognitivos e assumem importantes tarefas cognitivas. Esse fenômeno pode ser definido como *o uso de um domínio cognitivo fonte, geralmente mais concreto, para se entender um domínio cognitivo alvo, geralmente mais abstrato*. Lakoff e Johnson (1980, p. 6) explicam que “a essência da metáfora consiste em conhecer e experienciar uma coisa em termos de outra” (tradução nossa).

Lakoff e Johnson (2002, p. 191) afirmam que as metáforas têm suas origens nas experiências humanas concretas, nitidamente delineadas, e

“permitem-nos construir conceitos altamente abstratos e elaborados” e as classificam em três categorias, de acordo com suas funções linguístico-cognitivas: *estruturais*, *orientacionais* e *ontológicas*. Essa categorização é de ordem teórica, visto que, empiricamente, uma mesma metáfora pode recobrir mais de uma dessas funções.

As metáforas estruturais ocorrem quando há mapeamentos entre conceitos complexos, isto é, quando domínios fonte e alvo são domínios complexos e geram mapeamentos também complexos. Segundo Kövecses (2002, p. 33), nessa metáfora, o domínio-fonte provê uma estrutura de conhecimento relativamente rica para o domínio-alvo, ou seja, a função cognitiva dessa metáfora é a de permitir aos falantes a compreensão do domínio-alvo em termos da estrutura do domínio-fonte.

O conceito de domínio diz respeito a áreas do conhecimento e da experiência humana. O domínio-fonte é aquele que usamos para compreender algo metaforicamente, já o domínio-alvo é aquele que almejamos compreender. Quando um ator social usa a expressão “Ora, por que não meter logo o pé na jaca?” (ver exemplo 9), estamos entendendo o domínio-alvo PROBLEMA a partir de características do domínio-fonte ALIMENTO, que é metonimicamente realizado com o item “jaca”.

As metáforas orientacionais estruturam conceitos tendo como base orientações lineares não-metafóricas, ou seja, elas operam com conceitos não-lineares / não-espaciais de forma linear / espacial. Segundo Lakoff e Johnson (1980), essas metáforas implicam orientações espaciais do tipo: em cima – em baixo, dentro – fora, na frente – atrás,

profundo – raso, central – periférico, e assim por diante. Essas metáforas dão uma orientação espacial a um conceito.

Ao dizermos expressões como “O superávit cai para 10 bilhões reais”³, estamos compreendendo o conceito MENOR, que se refere à queda do superávit, em termos de uma relação espacial linear. Desse modo, essa expressão é licenciada pela metáfora MENOR É PARA BAIXO. As metáforas orientacionais são fruto da interação do corpo com o meio que o cerca, fruto de nossas capacidades sensório-motrizas, mas são também definidas pela nossa inserção cultural, que nos permite correlacionar os domínios.

Para Lakoff e Johnson (1980, p. 25), nossa experiência com os objetos físicos e com as substâncias fornece bases profundas para a conceptualização. A compreensão de experiências em termos de objetos e substâncias nos permite retirar partes dessa experiência e tratá-las como entidades discretas ou substâncias uniformes.

As metáforas ontológicas são chamadas assim porque lidam com conceitos abstratos de forma menos abstrata. É a função de corporificar, de materializar conceitos etéreos de forma a poder manuseá-los, quantificá-los, manipulá-los, enfim, trabalhar com esses conceitos de forma mais íntima e próxima.

Quando usamos expressões do tipo “Como o PT blindou o PSDB e se tornou alvo da PF e do MPF” (ver exemplo 4), estamos personificando um partido político para poder tratá-lo de diversas maneiras. A personificação é um protótipo de metáfora ontológica.

³ Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/economia/um-apelo-aos-jornalistas-e-ao-ministro-da-previdencia>, acesso em 03 set. 2015

As metáforas conceptuais e as instanciações metafóricas no discurso exercem importantes funções cognitivas e discursivas e estão presentes em todas as esferas da atividade humana.

Discurso e metáfora

A relação entre metáfora e discurso é a premissa que orienta as investigações mais recentes sobre o fenômeno, as quais discutem e analisam a metáfora a partir de sua presença nas mais diversas práticas discursivas, buscando perceber como e por que tais metáforas são exprimidas da forma como são em determinados contextos de uso da linguagem (SCHRÖDER, 2008).

À investigação de metáforas, com os postulados de Lakoff e Johnson (1980), agregam-se aspectos de natureza sociocognitiva, discursiva e contextual, numa interrelação pela qual se pode perceber “articulações cognitivas e pragmáticas e até mesmo de emergência de novas metáforas conceptuais” (VEREZA, 2010, p. 208).

Schröder (2008, p. 41) advoga a respeito dessa relação ponderando que o discurso “não apenas influencia conceitos preexistentes, mas também os constitui em parte” e nesse sentido as metáforas “não necessariamente e nem sempre são conceitos estáveis e culturalmente entrincheirados, mas, sim, são negociados e renegociados no decorrer da interação social”.

O discurso é entendido, então, como “o espaço em que aspectos sociocognitivos e linguísticos (se é que se pode fazer essa separação) se encontram para tecer a figuratividade, entre outras formas de criação

de sentidos” (VEREZA, 2010, p. 208). Assim, a metáfora não é mais concebida como produto pré-fabricado pelo pensamento humano que se materializa em expressões linguísticas metafóricas quando ações discursivas são desempenhadas. Consoante pontuou Schröder (2008, p. 52), a metáfora é um fenômeno linguístico que “também constrói um contexto cognitivo e cultural em dependência da situação comunicativa dada”.

Nesse direcionamento, nos mais diversos discursos, as metáforas orientam a compreensão sobre determinada ação ou evento, norteiam as práticas discursivas e a maneira como os indivíduos interagem. Nessa relação não há primazia das estruturas cognitivas, como os postulados da Teoria da Metáfora Conceptual inicialmente apontaram, mas compreende-se uma efetiva produção discursiva permeada pelo fenômeno metafórico.

Ao utilizar determinadas expressões metafóricas, das possibilidades que a língua e os aspectos socioculturais específicos dispõem, se organiza o discurso muitas vezes de maneira inconsciente e a produção discursiva opera adequadamente à visão de mundo do outro e aos conhecimentos compartilhados entre os membros da sociedade.

É de suma importância ressaltar que “voltar-se para o discurso não é esquecer os ganhos da teoria cognitiva”, tais como a defesa da metáfora na organização do pensamento e das ações humanas cotidianas e a natureza cognitiva do fenômeno, e que “abraçar a metáfora conceptual não implica rejeitar, necessariamente, a linguagem como espaço fundamental para a plena realização da figuratividade” (VEREZA, 2010, p. 211). Assim, as investigações sobre a metáfora, dialogando com as contribuições da cognição e do discurso,

contribuem efetivamente para o conhecimento acerca do fenômeno metafórico.

Aspectos metodológicos

Para a realização desta pesquisa, o trabalho foi dividido em três partes: (i) Levantamento de EIM com domínios-fonte ALIMENTO, (ii) Eleição das EIM, dentre o conjunto levantado, a serem investigadas e, finalmente, (iii) Investigação das EIM selecionadas em discursos sobre política e economia. A seguir, apresentamos cada etapa.

(i) Levantamento de EIM com domínios-fonte ALIMENTO

A fim de que tivéssemos uma noção geral acerca das EIM (apoiadas em domínios-fonte ALIMENTO) em uso no Português Brasileiro, procedemos com a pesquisa em duas fontes disponíveis na internet, a primeira, de natureza enciclopédica, a partir da intuição do falante comum e a segunda, de natureza acadêmico-científica. São elas: (a) *Dicionário de Expressões*, site da internet que apresenta listas alfabéticas de expressões idiomáticas, gírias e jargões; essa plataforma tem natureza enciclopédica e, segundo seu idealizador, Gustavo Guedes, objetiva “ajudar as pessoas com o significado das expressões”⁴; e (b) *Dicionário de Expressões Idiomáticas – Português do Brasil e de Portugal, Francês da França, da Bélgica e do Canadá*, site da internet resultado de projetos de pesquisa acadêmico-científicos liderados pela Dra. Cláudia Xatara, da Univ. Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho;

⁴ Disponível em: <http://www.dicionariodeexpressoes.com.br/>, acesso em 05 set. 2015.

como explica a organizadora, o objetivo do dicionário é “elaborar uma obra que testemunhe, seja para a função de decodificação, seja para a de codificação, o uso dessas unidades fraseológicas, cuja cristalização é um fenômeno gradual [...]”⁵.

As fontes citadas apresentam um vasto repertório de expressões idiomáticas, contudo, não fornecem dados estatísticos, quanto à quantidade de expressões presentes ou à data de alimentação do acervo. Embora não comprometa a investigação aqui reportada, essa questão é especificamente relevante no que concerne à fonte (b), tendo em vista sua natureza acadêmico-científica.

A fonte (a) não apresenta as fontes dos exemplos trazidos à baila para a explicação das expressões, o que se justifica pelo caráter enciclopédico, apoiado na intuição falante do organizador. Por seu turno, a fonte (b) explica as expressões através de exemplos oriundos de variados textos em circulação na sociedade.

Ao fim dessa primeira etapa, obtivemos um conjunto de 23 (vinte e três) EIM, cujos mapeamentos envolvem o agenciamento (metafórico ou metonímico) do domínio-fonte ALIMENTO (ver anexo 1).

(ii) Eleição das EIM a serem investigadas

A partir do conjunto obtido na primeira fase da pesquisa, procuramos por regularidades nas atualizações dos significados construídos com essas expressões. Desse modo, percebemos significativa ocorrência de expressões que objetivam a compreensão do domínio-alvo PROBLEMA: *descascar abacaxis, enfiar o pé na jaca, pisar no tomate, resolver pepinos e ter a batata quente/assando*. Assim, essas

⁵ Disponível em: <http://www.deipf.ibilce.unesp.br/pt/introducao.php>, acesso em 05 set. 2015.

são as expressões que compõem as categorias de análise desta pesquisa. As duas últimas expressões são tomadas como categoria única, tendo em vista a compreensão de que se tratam de perfilações do mesmo processo de predicação idiomático. *Estar com a batata assando* implica na topicalização de um sujeito que é paciente nesse processo, que sofre a ação do problema; já *ter uma batata quente em mãos*, por exemplo, implica na topicalização de um sujeito ativo no processo, que, em tese, deverá agir para a resolução do problema. A EIM *enfiar o pé na jaca* é aqui compreendida em termos de problema, uma vez que os atores sociais que “enfiam o pé na jaca”, nos discursos analisados mais adiante, ocasionam problemas pelas ações excessivas engendradas. Nos exemplos vistos, o excesso é compreendido como ato negativo.

(iii) *Investigação das EIM selecionadas em discursos sobre política e economia*

As cinco categorias de análise, ou seja, as EIM, foram investigadas nas seções de política e economia dos sites das revistas *Veja*⁶ e *Carta Capital*⁷. Como indexador das buscas, usamos o item lexical focal das estruturas polilexicais que formam as expressões. Dessa maneira, para buscarmos ocorrências da EIM “descascar o abacaxi”, por exemplo, usamos como indexador o item “abacaxi”. Para delimitação do *corpus*, foram definidos, além dos filtros temáticos – seções sobre política e economia, o período de publicação do gênero jornalístico⁸, que deveria datar dos últimos cinco anos (2011-2015) e o número de ocorrências

⁶ Disponível em: <http://veja.abril.com.br/>, acesso em 05 set. 2015.

⁷ <http://www.cartacapital.com.br/>, acesso em 05 set. 2015.

⁸ Houve a predominância dos gêneros: notícia, reportagem e artigo de opinião.

recolhidas, que foram de duas, aproveitando-se as mais recentemente publicadas.

A escolha temática – política e economia – se justifica pela conjuntura política que o país vive desde as eleições presidenciais de 2014, com o acirramento ideológico entre os partidários de PT (Partido do Trabalhador) e PSDB (Partido Socialista Democrático Brasileiro) e pelo agravamento de uma crise econômica mundial, que fez resvalar, em 2015, no Brasil, medidas de austeridade econômica. Devido à complexidade e à relevância social, essas questões têm sido, durante 2015, onipresentes nos discursos jornalísticos.

A escolha dos periódicos – *Veja* e *Carta Capital* – foi guiada tendo em vista a participação editorial desses veículos no país. Segundo dados da ANER (Associação Nacional de Editores de Revistas)⁹, de janeiro a setembro de 2014, *Veja* obteve uma circulação média de 1.167.928 por edição, enquanto *Carta Capital* figurou com a média de 29.513, estando, assim, em 1º e 4º¹⁰ lugares respectivamente, entre as revistas semanais (de informações gerais) em circulação no Brasil. A revista *Época* ocupa, segundo o mesmo levantamento, o 2º lugar em edições semanais e *Isto É* o 3º. Todavia, escolhemos excluí-las para a formação do *corpus*, tendo em vista as suas semelhanças discursivo-ideológicas com *Veja*. Notadamente, as três revistas alinham-se em oposição ao governo atual e manifestam posições ideológicas conservadoras. Desse modo, optamos por incluir *Carta Capital* porque, presumivelmente, o veículo proporcionaria maior diversidade discursivo-ideológica ao *corpus*, uma vez que o periódico se apresenta de modo mais alinhado a posições progressistas.

⁹ Disponível em: <http://aner.org.br/dados-de-mercado/circulacao/>, acesso em 05 set. 2015.

¹⁰ No ranking geral da ANER, *Veja* é 1º colocada e *Carta Capital* a 18º entre as revistas semanais.

Discursos sobre economia e política: ALIMENTO como domínio-fonte para problema

Nesta seção, analisamos as instanciações discursivas das EIM: *descascar abacaxis, enfiar o pé na jaca, pisar no tomate, resolver pepinos e ter a batata quente/assando*. No corpus da carta capital, duas expressões não tiveram ocorrência no período de cinco anos nas seções investigadas: *enfiar o pé na jaca* e *pisar no tomate*.

Conceptualização ativa: protagonismo dos atores sociais

As EIM *descascar abacaxi, resolver pepinos e ter a batata quente*, em discursos jornalísticos sobre política e economia, envolvem a conceptualização de atores sociais ativos, ou seja, agentes para a resolução dos problemas que *abacaxi, pepino e batata quente* designam metaforicamente. Esses agentes são protagonistas nos discursos; deles são esperadas as ações implementam a modificação no estado das entidades foco das expressões idiomáticas. Assim, para descascar o abacaxi, para resolver o pepino e para se livrar de uma batata quente são requeridos atores sociais ativos cujas ações anteriores à mudança dos estágios nem sempre ocasionaram o problema que agora possuem. Isso significa que essas expressões agenciam a conceptualização de atores sociais não apenas ativos, mas protagonistas do cenário

discursivo. São atores que perfilam positivamente a responsabilidade pela resolução dos problemas. Vejamos os exemplos abaixo¹¹:

Descascar abacaxi

1. ECONOMIA

Livre do governo

24/03/2015 – 15:22

Robson Andrade, presidente da CNI, *já tem menos um abacaxi para descascar*. Vendeu a Orteng, sua empresa de engenharia para a francesa Vinci. Nos últimos meses, Andrade não parava de reclamar pelos cantos do governo. Motivo – justo, aliás: há meses o governo não pagava o que devia à Orteng.

2. Política

Opinião

Vejam só quem aparece no Facebook

por André Barrocal

02/02/2015 14h03

O governo adere à moda por entender que o instrumento é mais eficaz para conquistar a opinião pública

[...]

Carlos Gabas, da Previdência Social, e Manoel Dias, do Trabalho, passaram pela sabatina com *a missão de explicar e tirar dúvidas sobre as indigestas mudanças* no pagamento de benefícios como seguro-desemprego, abono salarial e pensão por mortes, com as quais o governo espera economizar 18 bilhões de reais. A ida dos dois para a trincheira foi estimulada pelo Planalto, *ao considerar que o abacaxi requer ser descascado com extremos cuidados para ser digerido no Congresso*.

¹¹ Nos exemplos discutidos a partir deste ponto, os destaques em itálicos são nossos.

Descascar o abacaxi é uma EIM que expressa a ideia de resolver um problema, retirar as dificuldades para poder usufruir da parte boa da situação/fruta. Descascar o abacaxi é tomar as medidas necessárias para a boa governança.

O exemplo 1 é representativo das múltiplas funções que, discursivamente, a EIM pode recobrir. No texto em tela, o problema não é resolvido, o abacaxi não é descascado, ele é repassado para outro ator social. Assim, o protagonismo que se requer para a resolução do problema é facultado para outro ator. O abacaxi, que era a situação financeira de uma empresa com recursos a serem recebidos pelo Governo, deixa de ser responsabilidade do ator social primário – Robson Andrade, e é repassado a um ator secundário – a empresa francesa Vinci, que comprou a empresa endividada. Não há o perfilamento da mudança de estado do abacaxi, ou seja, do problema. Há, em seu lugar, a topicalização da agência do ator social, que, ao invés de descascar o abacaxi, resolve o problema vendendo-o a outro agente.

No exemplo 2, além da metáfora *descascar o abacaxi* conceptualizar a resolução de problemas existentes, podemos observar que a situação política atual é entendida em termos de processo de alimentação no que tange ao trabalho que a fruta dá para ser consumida, visto que a casca é áspera e pode machucar [os atores sociais], materializado linguisticamente por meio de expressões como “explicar e tirar dúvidas sobre as indigestas mudanças” e “extremos cuidados para ser [o abacaxi] digerido no Congresso”. Isso aponta que a metáfora *descascar o abacaxi*, nesse contexto, não só permite

compreender o domínio-alvo PROBLEMA, como também permeia a própria constituição do discurso, através da escolha de outros itens lexicais.

Resolver pepinos

3. Jornada dupla: Murilo Ferreira, na Vale e na Petrobras
23/04/2015

A uma semana de se tornar o presidente do conselho de administração da Petrobras, o CEO da Vale, *Murilo Ferreira*, *ainda tem que resolver um pepino de proporções épicas no seu emprego principal.*

A queda avassaladora do preço do minério no mercado internacional — de 120 dólares/tonelada para cerca de 50 dólares — deprimiu a geração de caixa da Vale e está fazendo o endividamento da empresa subir aceleradamente.

[...]

4. Política

Como o PT blindou o PSDB e se tornou alvo da PF e do MPF
por Luis Nassif

25/06/2015 13h25

O governo Lula profissionalizou a Polícia Federal, mas não fez o mesmo com a política

Mais do que questões partidárias, a motivação maior da Operação Lava Jato é a revanche de duas operações anteriores que foram sacrificadas pelo jogo político: a Satiagraha e a Castelo de Areia. E é um exemplo eloquente dos erros de Lula e do PT em relação à Polícia Federal.

[...]

No caso da Castelo de Areia, a alegação foi de que a investigação começou a partir de uma denúncia anônima. Especialistas que analisaram o inquérito, do lado das empreiteiras, admitem que não havia erro processual. O

inquérito era formalmente perfeito. Terminou no STJ de forma estranha, negociado pelo ex-Ministro Márcio Thomas Bastos, na condição de advogado da Camargo Correia.

Foi assim que o PT, através de seus Ministros e criminalistas, *livrou o PSDB dos seus dois maiores pepinos*, mas ficou com uma conta alta espetada nas costas.

A revanche veio no pacto da Lava Jato, entre PF, MPF e o sucessor de Fausto De Sanctis: Sérgio Moro - que teve papel central não apenas na Lava Jato mas na AP 470, do mensalão, como assessor da Ministra Rosa Weber.

[...]

Assim como abacaxis, pepinos também servem para conceptualizar entidades a serem resolvidas. Assim, nesses usos, podemos compreender que pepino é um problema. Contudo, enquanto descascar abacaxis envolve uma mudança no estágio da entidade (ABACAXI COM CASCA → ABACAXI SEM CASCA), os exemplos trazidos à discussão para EIM *resolver pepinos* parecem implicar não numa mudança de estágio, mas no apagamento total da entidade. Em 3, o pepino se refere à “queda avassaladora do preço do minério”, que é um problema para uma empresa de mineração e é, portanto, algo a ser resolvido; em 4, o pepino se refere a investigações da Polícia Federal e foi algo de que o PT, “através de seus Ministros e criminalistas”, conseguiu livrar o PSDB.

Assim, em ambos os exemplos, resolver/livrar-se de pepinos implica não numa mudança de estado, mas, sim, num apagamento da entidade. Nesse sentido, a agência dos atores sociais e o seu protagonismo reside na competência para deixar de ter pepinos em mãos.

Ter batata quente

5. Os teatros petistas e tucanos

Por Felipe Moura Brasil

21/05/2015 - 16:54

De fato, eu tirei uma bela soneca e só voltei a postar no blog hoje, dia do teatro tucano.

Em vez de impeachment, como vocês sabem, o PSDB e outros partidos de oposição vão pedir abertura de ação criminal contra Dilma Rousseff na Procuradoria-Geral da República por causa das pedaladas fiscais, como recomendou o parecer do jurista Miguel Reale Jr.

Ou seja: se *Rodrigo Janot encaminhar a denúncia para o STF*, ela poderá ser avaliada, entre outros, pelo petista Luiz Edson Fachin (se tomar posse a tempo), cuja indicação foi apoiada por quem? Miguel Reale Jr.

Acostumado com tucanos que correm para não chegar, fico até pensando se Reale apoiou Fachin só para garantir que a eventual denúncia de Rodrigo Janot seja rejeitada.

De qualquer modo, a esperança do alto tucanato é que Janot arquive logo o pedido e leve a culpa mais uma vez, enquanto o PSDB posa como oposição que fez a sua parte.

Vá, Janot. *Passe a batata quente ao Supremo* e deixe a gente se divertir mais um pouquinho.

Vai que, por algum milagre, esse teatro vira realidade?

Fico até imaginando FHC com remorso, dizendo: “O que foi que nós fizemos?”

6. Sai (finalmente) Graça Foster. E quem entra?

Por Rodrigo Constantino

03/02/2015 - 12:18

Para começo de conversa, Graça Foster dificilmente chegaria ao comando de uma grande empresa de petróleo privada. Não tem o perfil, o que é visível para quem conhece o meio dos negócios. Em segundo lugar, nenhum CEO de empresa privada permaneceria no cargo tanto tempo após *um escândalo da magnitude do “petrolão”*. Já teria caído faz tempo...

[...]

Ao se confirmar a notícia, restará saber: quem vai substituir Graça Foster? Alguém consegue imaginar um nome de respeito no mercado, um executivo sério e experiente, assumindo *uma empresa que afunda num mar de lama cada vez maior*? Quem seria o corajoso (ou louco) de pegar essa *batata quente nas mãos*?

Assim como *resolver pepinos*, ter uma *batata quente* parece não implicar numa relação direta de mudança de estágios. Ter uma batata quente parece agenciar atores sociais ativos e protagonistas, mas que não são responsáveis pela mudança de um estágio a outro, nem pelo apagamento total da entidade. Os atores que possuem batatas quentes parecem ser levados a uma espécie de alternância de agência, ou seja, de transferência de protagonismo. Ou seja, nessa expressão idiomática, observamos uma relação de experiência corpórea para além do alimento, na qual o problema é resolvido quando deixa as mãos de determinado ator e passa a queimar mãos alheias, como se percebe em “Passe a batata quente ao Supremo” (exemplo 5) e “Quem seria o corajoso (ou louco) de pegar essa batata quente nas mãos?” (exemplo 6).

Conceptualização ativa: antagonismo dos atores sociais

As EIM *pisar no tomate e enfiar o pé na jaca* também implicam no agenciamento de atores sociais ativos, agentes das ações perfiladas. Mas, enquanto nas EIM anteriores os atores eram protagonistas, ou seja, eram responsáveis pela resolução dos problemas, mesmo que essa resolução implicasse, muitas vezes, em, apenas, apagar a entidade ou se livrar dela, nas expressões desta seção, os atores são antagonistas das ações. Tratam-se de atores sociais agentes não das resoluções, mas dos problemas. Assim, atuam discursivamente a partir de uma relação de vilania, agindo de modo antagônico, conforme se verá em seguida.

Pisar no tomate

7. A salada política israelense e o tomate analítico

Por Caio Blinder

23/01/2013 - 6:00

Lapid é o molho que pode fazer a diferença na salada israelense

Viva Israel! Viva a democracia israelense! Estranho eu manifestar esta vibração, na sequência de uma coluna desoladora, espírito muro das lamentações, sobre os rumos de Israel, com uma direita, imagine, que perde espaço para a extrema direita e uma política que é uma salada. Mas *eu e tantos comentaristas pisamos no tomate* (ainda bem).

[...]

O partido de Lapid, assim com os trabalhistas (que deram um vexame menor do que na eleição anterior), está também muito engajado em questões não diretamente relacionadas com o drama palestino e a ameaça nuclear iraniana, como educação e custo de vida. Existe até um cenário que eu

duvido (*olha aí outro tomate analítico*), de composição de uma coalizão florescendo da centro-esquerda, diante da dificuldade de Netanyahu forma uma coalizão apenas com a direita e partidos religiosos, que combinados conseguiram 60 das 120 cadeiras do Parlamento.

[...]

David Horovitz, o editor do site *Times of Israel*, e que *costuma pisar bem menos do que eu no tomate*, tem a seguinte sacada: a direita israelense é mais radical do que antes, mas tão radical que Netanyahu hoje é um dos seus políticos mais moderados. Seria conveniente para ele contar com um ingrediente centrista, menos apimentado, nesta salada para que não seja a pombinha na coalizão de governo.

Maior salada, mas tudo poderia ser mais indigesto. Nenhuma surpresa que em breve (no ano que vem?) novas eleições sejam convocadas. Esta é a democracia israelense, mas já dei um viva no começo, não vou repetir no fim. Só perguntar: há futuro para um país com política tão instável, numa região do mundo tão conturbada?

8. FEIRA LIVRE

A paz da esclerose

03/01/2011 às 16:22

J. R. Guzzo

A presidente Dilma Rousseff ganhou de presente, poucos dias antes de assumir o cargo, uma chance de ouro para mostrar a todo mundo que o Brasil está de fato sob nova direção. Para começo de conversa, se quisesse aproveitar a oportunidade que lhe surgiu à frente, iria provar que o Palácio do Planalto, a partir de agora, tem uma chefe que não está disposta a passar os próximos anos arrumando desculpas para salvar a pele de subordinados que desmoralizam seu governo.

Também informaria a aliados, a adversários e ao público em geral que não tem medo de usar a sua autoridade todas as vezes que achar necessário — mesmo que ainda pareça “muito cedo” para isso, pois exerce o tipo de liderança que prefere agir com pressa a agir tarde demais. A presidente deixaria claro, enfim, que enquanto ocupar seu cargo ninguém em seu governo, por mais poderoso que se sinta ou por mais fortes que sejam os seus padrinhos políticos, *está livre de ir para o olho da rua no preciso momento em que pisar no tomate*. Em suma: Dilma Rousseff poderia começar sua Presidência com um notável “choque de respeito”. Seria ótimo para ela. Seria ótimo para o país. [...]

A EIM *pisar no tomate* implica, no exemplo 7, num problema ao qual estão sujeitos os jornalistas quando fazem análises e previsões políticas. Nesse cenário, quando aqueles profissionais fazem previsões equivocadas equivale a um ato desastroso, a um erro profissional, semelhante à expressão “pisar na bola”. Essa expressão também agrega experiências sensoriais e o domínio-fonte ALIMENTO na constituição da expressão idiomática. Por sua vez, no contexto político, como no exemplo 8, *pisar no tomate* é perder o controle da situação, é tomar medidas insuficientes, é cometer erros políticos. Ao pisar no tomate, um indivíduo pode desequilibrar-se, cair e sofrer as consequências disso (assim como faz *quando escorrega numa casca de banana*). Pisar no tomate, então, vai além de errar no comando do governo; é, também, abrir espaço para situações adversas no processo de governar.

Os atores sociais que pisam no tomate são responsáveis por uma mudança de estado, são responsáveis por estragar a entidade. Desse

modo, quem pisa no tomate é responsável pelo acontecimento de uma ação prejudicial, é agente da destruição.

Enfiar o pé na jaca

9. Como consertar o FIES sem fazer essa bagunça

Por Geraldo Samor

27/03/2015 - 5:30

Em 2011, o primeiro ano do primeiro governo Dilma, o Tesouro emprestou 1,8 bilhão de reais ao FIES. No ano passado, o número já tinha subido para quase 14 bilhões. E, se o Governo não tivesse feito mudanças e 750 mil novos alunos entrassem no programa este ano (em linha com o ano passado), as liberações do Tesouro bateriam 22 bilhões de reais em 2015.

[...]

Não oferecer 100% de financiamento. Até 2010, quando o Governo mudou a regra e turbinou o FIES, o Governo financiava “até 75%” do custo da educação do aluno. “*Ora, por que não meter logo o pé na jaca?*” pensou alguém em Brasília (*we know who you are*). Desde então, o FIES financia 100% do custo. Como se sabe, *essa generosidade sem limites* conflita com o fato mais básico em economia — os recursos são finitos — o que nos traz ao problema atual. Hoje, 80% dos alunos do FIES pegaram os 100% de financiamento. Seria apenas razoável reduzir a oferta de crédito para os níveis pré-2010. (Afinal, o IPI também voltou ao que era, não?) [...]

10. Cunha decide recuar de mamata absurda para cônjuges de políticos

02/03/2015 - 16:25

O presidente da Câmara, Eduardo Cunha (PMDB-RJ), *foi rápido e resolveu recuar da besteira que havia feito* ao aprovar, no pacote de benefícios para os deputados, passagens

gratuitas para os cônjuges. O peemedebista tem buscado alinhar a sua pauta com as expectativas da maioria dos brasileiros. Vinha se comportando bem até então. *Aí enfiou o pé na jaca.*

O PT e suas franjas — como o site de petições online Avaaz — sentiram *cheiro de carne queimada* e resolveram, vamos dizer, usar a questão para tentar retomar algum protagonismo político. Como o presidente da Câmara tem seguido uma agenda que não é do interesse do PT — reforma política e CPI da Petrobras, por exemplo —, há óbvio interesse em transformá-lo em vilão.

De resto, é evidente que o privilégio aprovado é um absurdo, uma mamata inaceitável. Que bom! Cunha vai perceber que estar na linha de frente da política — ele sempre foi mais de bastidores — tem lá seus contratempos.

Melhor para o país.

Por Reinaldo Azevedo

Do ponto de vista do uso e da estruturação cognitiva as EIM *pisar no tomate* e *enfiar o pé na jaca* guardam muitas semelhanças. Enfiar o pé na jaca também agencia um ator social ativo e antagonista. É ele o responsável pela ação negativa. Assim, os atores sociais que atuam nas relações perfiladas por *pisar no tomate* e *enfiar o pé na jaca*, a um só turno, realizam as ações e sofrem (negativamente) as consequências dos seus atos. Enquanto a expressão *pisar no tomate* traz o sentido de cometer um erro, a expressão *enfiar o pé na jaca* traz o sentido de cometer excessos, aspecto salientado nas expressões sobre as questões econômicas, como podemos observar no exemplo 9, no qual Governo Federal é agente ativo das ações quando administra os recursos liberados para o FIES e, ao mesmo tempo, sofre com essas mesmas

ações, uma vez que em 2015 o país enfrenta a necessidade de medidas de austeridade financeira.

De modo análogo, no exemplo 10, o presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, é agente quando apoia e implementa um pacote de benefícios para os cônjuges dos deputados federais, o que implicaria no aumento de gastos públicos e repercutiu de maneira negativa junto à opinião pública e nos discursos jornalísticos. Essa agência foi, portanto, antagonista já que suas ações não são/ não foram socialmente valorizadas.

Conceptualização paciente: atores sociais como objeto

Embora compreendamos que as EIM ter uma batata quente (em mãos) e ter a batata assando façam parte do mesmo sistema de predicação metafórica na nossa cultura, consideramos necessário tratar cada uma distintamente, uma vez que as suas instanciações implicam atores sociais ativos e pacientes respectivamente. A seguir, apresentamos exemplos que discutem a relação paciente.

Ter a batata assando

II. “Os intocáveis” são presos e a batata de Lula está assando

Por Rodrigo Constantino

19/06/2015 - 18:16

[...]

Lula é seu nome, e os brasileiros decentes sonham com o dia em que acordarão com a notícia estampada nos jornais: Operação Lava-Jato chega ao topo da hierarquia e prende Luís Inácio Lula da Silva. Será que veremos esse dia chegar? Será que o Brasil tem força institucional para dar esse passo e se

aproximar do modelo americano? Tomara que sim. *Lula, sua batata está assando*, pois *ninguém deve ficar impune*, não importa quantos bilhões tenha no banco e quantos “soldados” do “exército” de Stédile estejam a postos para defendê-lo. *A lei deve valer para todos*.

12. A criminalização dos “movimentos sociais”. Ou: Mais um companheiro de Lula vai preso. Ou ainda: Boulos será o próximo?

Por Rodrigo Constantino

24/06/2015 - 8:46

A esquerda gosta muito de falar da suposta criminalização dos “movimentos sociais” pela direita. Na verdade, trata-se de uma estratégia de defesa, para preservar o monopólio das virtudes com o lado esquerdo. Funciona assim: os membros desses “movimentos sociais” invadem propriedades, depredam coisas, ameaçam com o uso de violência, tudo presente no código penal. Mas como fazem isso tudo em nome das causas “sociais”, então pode, está liberado, e aí de quem criticar: um “fascista” que pretende criminalizar os tais movimentos.

[...]

Parece piada, mas é isso mesmo. Aquele tal de *Guilherme Boulos, do MTST, o braço urbano do MST, é outro na lista de espera, cuja batata está assando*. Em qualquer país sério ele já estaria preso, pois *invadir propriedades é crime*, simples assim. Mas como ele mascara esses atos com o manto da “igualdade”, aí pode, aí ele ganha até coluna na Folha e é elogiado por “intelectuais”.

[...]

A EIM *ter/estar com batata assando* não implica um ator social ativo, que empreende ações valorizadas ou desvalorizadas socialmente, *ter a batata assando* agencia uma relação de ator paciente, cuja situação ainda é indefinida. O gerúndio utilizado no verbo “assando” instancia uma relação de incompletude, cujos resultados ainda não são definitivos. Assim, o ator social cuja batata está assando se apresenta na iminência de sofrer sanções negativas devidas a ações anteriormente realizadas. Todavia, esse ator não é agente da ação, mas objeto dela.

Ter a batata assando implica, também, numa relação de mudança de estado. Como os exemplos 11 e 12, respectivamente, instanciam: “Lula, sua batata está assando” e “Guilherme Boulos, do MTST, [...] cuja batata está assando”, *estar com a batata assando* remete a um processo de mudança de estado do qual os atores sociais (Lula e Boulos) são pacientes. Ambos os exemplos sugerem uma mudança de estado do tipo NÃO CULPADO → CULPADO. Tal mudança de estado, no contexto político brasileiro, integra uma compreensão sobre os atores sociais que as EIM no discurso jornalístico ajudam a construir.

Considerações finais

As expressões idiomáticas *descascar abacaxis*, *enfiar o pé na jaca*, *pisar no tomate*, *resolver pepinos* e *ter a batata quente/assando* têm natureza metafórica uma vez que agenciam um domínio da experiência humana mais concreto e básico - ALIMENTO, para a compreensão de um domínio-alvo mais abstrato - PROBLEMA.

Os achados sugerem que as EIM são frequentes e fecundas nos gêneros jornalísticos que tematizam assuntos de política e economia. Sugerem, também, que as expressões desempenham duas funções principais nos discursos vistos: conceptualizar os atores sociais de modo ativo (*descascar abacaxis, enfiar o pé na jaca, pisar no tomate, resolver pepinos e ter a batata quente*) e de modo paciente (ter uma batata quente [em mãos]). Nas conceptualizações ativas, os atores sociais são ora protagonistas responsáveis pela resolução dos problemas (*descascar abacaxis, resolver pepinos e ter uma batata quente*), ora são antagonistas, atuando como vilões no processo, ou seja, responsáveis pela existência dos problemas (*pisar no tomate e enfiar o pé na jaca*). Quando atuam como protagonistas, os atores desempenham ações mais próximas da valorização social, já que os responsáveis pela resolução dos problemas tendem a ser valorizados socialmente. Por seu turno, quando atuam como antagonistas, os atores tendem a ser desvalorizados discursivamente, já que os causadores dos problemas tendem a ser rechaçados socialmente.

As EIM analisadas instanciam relações cognitivas diferentes. *Descascar o abacaxi, pisar no tomate, enfiar o pé na jaca e ter a batata assando* implicam numa relação de mudança de estado no domínio PROBLEMA metaforizado em termos de ALIMENTO. Assim, ao descascar o abacaxi, pisar o tomate, enfiar o pé na jaca e ter a batata assando, o problema abandona um estágio anterior para adquirir outro. Já *resolver pepinos* não parece implicar uma relação de mudança de estado, mas no próprio apagamento da entidade. O pepino é um alimento pouco apreciado ou pouco saboroso que não vale a pena descascá-lo (como o abacaxi) para aproveitar o seu interior, por isso o melhor é mesmo livrar-se dele (como estanciou o exemplo visto). Por

sua vez, a expressão *ter uma batata quente* parece implicar uma relação de alternância de agência, o problema se resolve simplesmente trocando a batata de mãos.

O domínio-fonte ALIMENTO, nessas expressões idiomáticas analisadas, é evidenciado em sentido restrito, como na EIM resolver pepinos, ou em sentido mais amplo, referindo-se também a sensações corpóreas que estão para a além da alimentação, o que evidencia o princípio da mente corporificada advogado pelos teóricos Lakoff e Johnson (1980).

Os resultados aqui expostos apontam para a necessidade de pesquisas mais vastas sobre o domínio-fonte ALIMENTO, tanto para a organização cognitiva empreendida pelas metáforas conceituais, como para as múltiplas realizações linguísticas desses modelos. A lista que oferecemos como anexo pode servir de ponto de partida para novas investigações sobre o tema.

Referências

ANDRADE, Adriano Dias de. *A metáfora no discurso das ciências*. Recife: Editora da UFPE, 2012.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e Mudança Social*. Brasília, Editora da UnB, 2001.

KÖVECSES, Z. *Metaphor in culture, universality and variation*. New York: Cambridge, 2005.

_____. *Metaphor: a practical introduction*. New York: Oxford, 2002.

LAKOFF, George. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Educ, 2002.

_____. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

SCHRÖDER, U. A. Da teoria cognitiva a uma teoria mais dinâmica, cultural e sociocognitiva da metáfora. *Alfa*. São Paulo, n. 52, vol. 1, pp. 39-56, 2008.

Van DIJK, T. A. *Discurso e Contexto*. São Paulo: Contexto, 2012.

VEREZA, S. C. Metáfora e argumentação: uma abordagem cognitivo-discursiva. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 7, n. 3, set./dez., 2007, pp. 487-506.

_____. O lócus da metáfora: linguagem, pensamento e discurso. *Cadernos de Letras da UFF*. Dossiê: Letras e cognição, n. 41, 2010, pp. 199-212.

Links das notícias:

1. <http://veja.abril.com.br/blog/radar-on-line/economia/se-livrando-do-governo/>, acesso em 03 set. 2015
2. <http://www.cartacapital.com.br/revista/834/vejam-so-quem-aparece-no-facebook-6058.html>, acesso em 03 set. 2015.
3. <http://veja.abril.com.br/blog/mercados/petroleo-gas-e-mineracao/jornada-dupla-murilo-ferreira-na-vale-e-na-petrobras/>, acesso em 03 set. 2015.
4. <http://www.cartacapital.com.br/politica/como-o-pt-blindou-o-psdb-e-se-tornou-alvo-da-pf-e-do-mpf-6145.html>, acesso em 03 set. 2015.
5. <http://veja.abril.com.br/busca?qu=batata+quente&dt=new>, acesso em 03 set. 2015.
6. <http://veja.abril.com.br/blog/rodrigo-constantino/corruptao/sai-finalmente-graca-foster-e-quem-entra/>, acesso 03 set. 2015.
7. <http://veja.abril.com.br/blog/nova-york/israel/a-salada-politica-israelense-e-o-tomate-analitico/>, acesso em 03 set. 2015.
8. <http://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/feira-livre/a-paz-da-esclerose/>, acesso em 03 set. 2015.
9. <http://veja.abril.com.br/blog/mercados/economia/como-consertar-o-fies-sem-fazer-essa-bagunca/>, acesso em 03 set. 2015.
10. <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/cunha-decide-recuar-de-mamata-absurda-para-conjuges-de-politicos/>, acesso 03 set. 2015.
11. <http://veja.abril.com.br/blog/rodrigo-constantino/corruptao/os-intocaveis-sao-presos-e-a-batata-de-lula-esta-assando/>, acesso em 03 set. 2015.

12. <http://veja.abril.com.br/blog/rodrigo-constantino/socialismo/a-criminalizacao-dos-movimentos-sociais-ou-mais-um-companheiro-de-lula-vai-presos-ou-ainda-boulos-sera-o-proximo/>, acesso em 03 set. 2015.

Anexo

Conjunto Expressões Idiomáticas Metafóricas – Domínio-fonte ALIMENTAÇÃO

A preço de banana; Acabar em pizza; Até o caroço; Até o sabugo; Batata assando/batata quente; Cabeça de melão; Cereja do bolo; Chorar pitangas; Dar banana; Descascar abacaxi; É batata; Encher linguiça; Enfiar o pé na jaca; Escorregar no quiabo; Ir catar coquinho; Mamão com açúcar; Pirar na batatinha; Pisar no tomate; Plantar batatas; Pra chuchu; Resolver pepinos; Última bolacha do pacote; Viajar na maionese.

Recebido em 15/09/2015. Aprovado em 05/11/2015.